



CARTA DO CHEFE SEATTLE

Há quem duvide da autoria da “Carta do Chefe Seattle”. Há quem busque provas e evidências sobre a redação original e as possíveis transformações no texto ao longo do tempo. Preferimos seguir com outra visão. Mesmo que não tenha sido proferida por ele, foi como “Carta do Chefe Seattle” que esse pensamento inspirador do movimento indígena ambiental se tornou conhecido no mundo inteiro. Como não admirar a forma que o sonho de um grande chefe Duwamish se manifesta?

Apresentamos aqui duas versões e a transcrição do comentário que Ailton Krenak trouxe em uma [fala](#) no Selvagem, ciclos de estudo sobre a vida, no Teatro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 2019.

1.

O presidente em Washington comunica que ele deseja comprar nossa terra. Mas é possível comprar ou vender o céu? A terra? A ideia é estranha para nós. Se nós não possuímos o frescor do ar e as gotas da água, como é possível comprá-las?

Cada parte da terra é sagrada para o nosso povo. Cada ramo brilhante do pinheiro, cada praia, cada névoa nas florestas densas, cada grama, cada campo, cada inseto zunindo. Tudo é sagrado na memória e na experiência do meu povo.

Nós conhecemos o caminho das seivas pelas árvores como conhecemos o caminho do sangue em nossas veias. Nós somos parte da terra e ela é uma parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O urso, o veado, a grande águia, estes são nossos irmãos. As fendas rochosas, o orvalho no campo, o calor do corpo de um pônei e o homem, tudo pertence à mesma família.

A água reluzente que se move nas correntezas e rios não é apenas água, mas o sangue dos nossos ancestrais. Se nós vendermos nossa terra, vocês deverão se lembrar que ela é sagrada. Cada reflexo nas águas claras dos lagos nos conta sobre fatos e memórias da vida do meu povo.

O murmúrio da água é a voz do pai do meu pai. Os rios são nossos irmãos. Eles matam a nossa sede. Eles carregam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Então, vocês devem oferecer aos rios a bondade que vocês ofereceriam a um irmão.

Se nós vendermos a nossa terra, lembrem-se de que o ar é precioso para nós, de que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que ele dá sustentação. O vento que deu ao nosso avô o seu primeiro fôlego também recebeu seu último suspiro. O vento também dá o espírito da vida aos nossos filhos. Portanto, se nós vendermos nossa terra, vocês deverão mantê-la conservada e sagrada, como um lugar onde uma pessoa pode ir para experimentar o vento que se torna adocicado pelas flores do campo.

Vocês ensinarão os seus filhos o que nós ensinamos aos nossos? Que a terra é nossa mãe? O que sucede à terra, sucede também aos filhos da terra. Uma coisa sabemos: a terra não pertence a ninguém, nós pertencemos a ela. Todas as coisas estão conectadas como o sangue que nos conecta. O ser humano não teceu a teia da vida, ele é somente um dos fios dela. O que ele fizer à rede, estará fazendo a si mesmo. Uma coisa sabemos: nosso Deus é também o seu Deus. A Terra é preciosa para ele e fazer mal a ela é colher a ira de seu criador.

Seu destino (da Terra) é um para nós. O que acontecerá quando os búfalos forem todos sacrificados? Os cavalos domados? O que acontecerá quando os cantos secretos da floresta estiverem carregados com o odor de muitas pessoas e a vista das velhas colinas estiver manchada com fios falantes? Onde está o bosque? Desapareceu! Onde está a água? Desapareceu! E o que quer dizer adeus ao lépido pônei e à caça? O fim do viver e o começo da sobrevivência.

Quando o último pele vermelha tiver desaparecido com a vida selvagem e a sua memória for somente a sombra de uma névoa sobre a pradaria, o litoral e as florestas ainda estarão aqui? Restará algum espírito do meu povo?

Nós amamos esta terra como um recém-nascido ama a batida do coração de sua mãe. Então, se vendermos nossa terra, amem-na como nós a amamos. Cuidem dela como nós cuidamos. Mantenham a memória dela como a deixamos. Preservem a terra para todas as crianças e a amem, como Deus nos ama.

Assim como nós somos parte da terra, vocês também são. Esta terra

é preciosa para nós. Também é preciosa para vocês. Uma coisa sabemos: existe apenas um Deus. Ninguém, seja vermelho ou branco, pode estar separado. Nós somos todos irmãos, afinal.

2.

O Grande Chefe em Washington manda mensagem que ele deseja comprar a nossa terra. O Grande Chefe também nos envia palavras de amizade e boa vontade. Um ato de bondade, já que ele precisaria pouco da nossa amizade. Mas nós vamos considerar sua oferta, pois nós sabemos que se não o fizermos, o homem branco pode vir com armas e tomar a nossa terra. O que o Chefe Seattle diz você pode acreditar ser verdadeiro, assim como os irmãos brancos contam com o retorno das quatro estações. Minhas palavras são como as estrelas, elas nunca desaparecem.

Como podemos vender o céu ou o calor da terra? A ideia parece estranha para nós. Ainda não possuímos a frescura do ar ou o brilho da água. E como é possível comprar isso da gente? Nós vamos decidir no nosso ritmo. Cada parte desta terra é sagrada para o nosso povo. Toda folha do pinheiro, cada parte deste litoral, toda névoa nas florestas densas, toda grama, todo campo, todo inseto zunindo. Tudo é sagrado na memória e na experiência do meu povo.

Nós sabemos que o homem branco não entende nosso jeito. Um pedaço de terra parece a ele como outro qualquer, pois ele é um estranho que vem pela noite e pega o que quer da terra. A terra não é a sua irmã, mas sua inimiga e quando ele a conquista, ele avança para outra. Ele deixa a sepultura de seu pai para trás e esquece o direito de nascença de seus filhos. A vista das suas cidades dói aos olhos do pele vermelha.

Não há lugares silenciosos nas cidades do homem branco. Não há lugares para escutar as folhas da primavera ou o bater das asas dos insetos. Talvez, porque eu sou um selvagem e não entendo – o ruído somente parece insultar os ouvidos. E o que resta à vida se o humano não pode escutar os agradáveis gritos dos pássaros ou a discussão dos sapos em volta da lagoa durante a noite? Os indígenas preferem o som macio do vento refinado pela chuva do meio dia ou pelo aroma do pinhão. O ar

é precioso para o pele vermelha. Pois todas as coisas compartilham do mesmo ar – os animais, as árvores e os humanos. O homem branco não parece notar o ar que respira. Como um homem agonizando há dias, ele é insensível ao fétido odor.

Se eu decidir aceitar, eu o farei sob uma condição. Que o homem branco trate os animais desta terra como seus irmãos. Eu sou um selvagem e não compreendo outros jeitos. Eu já vi milhares de búfalos apodrecendo sobre os campos por terem sido mortos por homens armados em um trem. Eu sou um selvagem e não entendo como o cavalo de ferro e fumaça pode ser mais importante que o búfalo que matamos somente para sustentar a nossa vida. O que são os homens sem os animais? Se todos os animais desaparecessem, o humano morreria de uma grande solidão no espírito, pois o que acontece aos animais também acontece ao humano.

Todas as coisas estão conectadas. O que sucede à terra, sucede aos filhos da terra.

Nossos filhos já viram seus pais se dobrarem pela derrota. Nossos guerreiros já sentiram vergonha. E depois da derrota, eles se tornam ociosos e contaminam seus corpos com comidas açucaradas e bebidas fortes. Pouco importa onde passamos o resto dos nossos dias – eles não são muitos. Algumas horas a mais, alguns invernos a mais e nenhum dos nossos filhos dos grandes povos que um dia viveram na terra ou que viajaram em pequenos bandos pelas florestas restarão para chorar nas sepulturas dos povos tão poderosos e esperançosos como o de vocês.

De uma coisa sabemos, que o homem branco um dia talvez descubra. Nosso Deus é o mesmo. Você pode achar que o possui assim como deseja possuir nossa terra, mas não pode. Ele é o Corpo do humano e sua compaixão é a mesma para o pele vermelha e o branco. Esta terra é preciosa para Ele e prejudicá-la é acumular ira no Criador. Os brancos, também, hão de passar – talvez mais cedo que outras tribos. Continuem a contaminar os leitos dos rios, e em alguma noite se sufocarão com os seus próprios dejetos. O que acontecerá quando os búfalos forem todos sacrificados? Os cavalos domados? O que acontecerá quando os cantos secretos da floresta estiverem carregados com o odor de muitas pessoas e a vista das velhas colinas estiver manchada com fios falantes? Onde estará o bosque?

Onde estará a águia? Não estarão! E o que quer dizer adeus ao lépido pônei e à caça? O fim do viver e o começo da sobrevivência.

Nós poderíamos entender se soubéssemos quais eram os sonhos dos brancos, quais esperanças transmitem aos seus filhos durante as longas noites de inverno, quais visões habitam em suas mentes, para que possam desejar o amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos, nós seguiremos do nosso jeito. Se concordarmos, será para proteger as reservas que vocês prometeram.

Assim, talvez possamos viver o resto dos nossos dias como desejamos. Quando o último pele vermelha desaparecer da terra e a memória for somente como a sombra da nuvem sobre os campos, estes litorais e florestas ainda manterão os espíritos do meu povo, pois eles amam esta terra como o recém-nascido ama as batidas do coração da mãe. Se vendermos nossa terra, ame-a como nós a amamos, cuidem como dela cuidamos. Lembrem-se dela como a deixamos. Preservem a terra para todos os que virão, e a amem, como Deus nos ama. Uma coisa sabemos – nosso Deus é o mesmo. Esta terra é preciosa para ele. Mesmo os brancos não podem fugir do destino comum.

SOBRE O CHEFE SEATTLE E DAVI KOPENAWA

Ailton Krenak

Eu estava lembrando agora acerca da produção do nosso lixo. Simplificando: dos nossos detritos. Dois pensadores indígenas separados no tempo, um em 1860/1870 e o outro no final do século XX.

O primeiro foi o texto que é atribuído a uma fala do Chefe Seattle quando o governo de Washington mandou um emissário com uma tropa de soldados mandar o povo Duwamish sair da costa do Pacífico porque eles iriam ocupar aquele território. O general abordou o Chefe Seattle dizendo: “Nós viemos comprar a sua terra. O chefe de Washington mandou comprar a sua terra”. Ele respondeu: “Nós não podemos vender essa terra. Nós não temos a propriedade dessa terra. Quando você mesmo morrer, você vai ser enterrado aqui. Que pretensão é essa que você tem de ser dono dessa terra?” Continuando a exortação ao general, o Chefe Seattle disse para ele: “De certo que vocês vão tomar esse lugar e os seus filhos vão ocupar esse lugar. Ensina aos seus filhos a pisar suavemente sobre a terra. Se vocês continuarem no mesmo ritmo que estão seguindo, vocês vão produzir tantos detritos que, em algum tempo, vão sucumbir, vão morrer sobre esses detritos. Vocês vão morrer debaixo do seu vômito, debaixo de seus detritos.” Isso foi em 1865...

No final do século XX, o nosso querido amigo Davi Yanomami, nas conversas dele com o Bruce Albert, falou que o mundo branco, o Ocidente, o homem tecnológico, os humanos com tecnologia, estão enchendo a terra de lixo. Eu me encontrei com o Davi, pela primeira vez, em 1985. Fui visitar ele lá na floresta. Ele me perguntou: “É verdade que os brancos são muitos?” Aí, eu fiquei pensando como iria responder essa pergunta do meu amigo porque eu sei que para os Yanomami muito é tudo mais do que sete, oito, 10. Muito. As coisas que se podem contar com os dedos da mão já são muito. Eu falei comigo: “Eu não posso enganar ele de que os humanos são só os números dos dedos das mãos.” Mas eu também não queria apavorar ele. Então, eu pensei: « Eu não posso deixar ele enganado sobre isso. » Eu disse para o Davi Yanomami: “Olha, os brancos são tantos quantos as estrelas do céu,

a areia das praias, dos igarapé, dos rios, eles são tantos assim.” Ele ficou muito assustado. Depois, Davi Yanomami me perguntou: “E o que eles comem?” Aí, eu disse: “Olha, eles comem de tudo. Eles comem árvores. Eles comem pedra. Eles comem rios. Eles comem tudo, tudo. Essa floresta sua toda, eles comem.” Ele ficou mais apavorado ainda. E me perguntou: “E onde eles cagam?” Eu disse: “Eles cagam no mundo.”

Então, eu gostei de ouvir tanto o Fábio (Scarano), quanto o Dorion (Sagan). Disseram que os organismos ativos produzem outras matérias, produzem outros materiais. E, no caso de nós, essa humanidade descontrolada no planeta. Eu fico, às vezes, com cuidado de não mencionar essa observação sobre a explosão demográfica no planeta porque, principalmente no século XX, esse tipo de observação era considerada uma observação reacionária e elitista, que achava que só alguns tinham que se reproduzir e os outros tinham que ficar como aquele padre do elevador “que tem metabolismo, mas não reproduz”. A história que ele contou do elevador¹, a produção de novas matérias nos ambientes sem ter o que fazer com ela, foi a observação das perguntas que Davi Yanomami me fez que continuam até hoje guiando minhas observações sobre essa imensa população que nós constituímos no planeta. Em todos os lugares, nós estamos produzindo detritos suficientes para nos soterrar como uma comunidade. Nós estamos produzindo mais do que somos capazes de observar. Se quando nós nascemos a população do planeta era metade do que é hoje, isso é escandaloso. A ideia do progresso, da Revolução Verde e de todo o aparato médico-farmacêutico para esticar a vida, pra estender a experiência de estar vivo, pode estar muito mais motivada por um medo de não saber o que é viver, o que vem depois de viver, do que uma experiência criativa em diálogo com os outros seres vivos, como se nós fôssemos os únicos organismos que têm a expectativa de continuar existindo e que os outros a gente come, como as árvores, por exemplo. Para o xamã yanomami, a ideia de uma humanidade que come floresta é uma ideia tão monstruosa que ela tem relação com

1. Ver página 8 do Caderno “Algumas coisas que aprendi com Lynn Margulis” de Dorion Sagan, com a fala apresentada na roda de conversas Biosfera durante o Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida, no Teatro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 13 de novembro de 2019.

um evento na narrativa de origem do mundo para os yanomami, que é quando os humanos curiosos furam a terra e despertam de dentro do corpo da terra uma transformação de matérias que estavam estáveis lá dentro e que aqui fora viram veneno. Tem uma palavra yanomami que é *xawara*. A *xawara* é um desequilíbrio para além do desequilíbrio ecológico, um desequilíbrio dos campos de energia em todos os termos. E os xamãs yanomami trabalham o tempo todo com aquela imagem de suspender o céu exatamente para que o calor excessivo dessa movimentação nossa não queime o peito do céu, que é uma imagem que eu acho muito educativa, porque o céu tem essa sensibilidade de se afetar com o calor que nós produzimos aqui. Ser perfurado, “furar o céu”. Essa é uma observação muito comum em várias narrativas. O chefe Seattle avisou o general americano e nós seguimos sempre alertando os nossos vizinhos de que o trabalho que a floresta faz de regenerar, de resfriar o organismo da Terra, parece uma observação ‘animista’, ingênua, tipo “não, não tem problema, tira a floresta, depois a esfria isso de outra maneira”. Essa ideia de que a tecnologia pode sempre responder a nossa próxima pergunta é relativizar a capacidade das tecnologias darem resposta a tudo. Deveria ser uma possibilidade para nós considerar que na maior parte do desenvolvimento experimentado pela humanidade e apoiado em tecnologia, avançando essa tecnologia, produziu-se muito, muito, muito calor e muito, muito, muito lixo no planeta. E nós vamos ter que dar conta disso. Não tem como passar isso para o espaço. Talvez, alguns de nós possam até fazer essa incrível viagem para outros planetas, mas muito provavelmente nós não vamos poder levar junto o lixo que produzimos. Diferente daquele passeio no parque – quando eles falam para a gente “leve o seu lixo” –, nesse passeio aqui não dá para levar o lixo. Ele é uma questão, ele é uma ‘pedra no caminho’, como dizia o Carlos Drummond de Andrade.

CHEFE SEALTH (1768 – 1866), conhecido atualmente como Chefe Seattle, foi líder do povo Duwamish e vivia nas ilhas do estuário de Puget Sound, onde hoje se encontra o estado americano de Washington. Acredita-se que seu discurso tenha sido proferido em dezembro de 1854.

AILTON KRENAK é um pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, *O Amanhã Não Está à Venda*, *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2019 e 2020).

DAVI KOPENAWA YANOMAMI é escritor, xamã e líder político yanomami. Atualmente, é presidente da Hutukara Associação Yanomami, entidade indígena de ajuda mútua e etnodesenvolvimento. Autor do livro *A Queda do Céu* (Companhia das Letras, 2015), recebeu prêmios como o Global 500 da ONU em 1988, o Right Livelihood, considerado o Nobel alternativo em 1989 e a Ordem de Rio Branco em 1999. Obteve a homologação da Terra Indígena Yanomani durante a Eco-92.

AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil

Este caderno conta com a especial colaboração de Deborah Rebelo, que traduziu as versões da carta; Laís Furtado, que reviu o texto, preparou as biografias; e Maurício Boff, que transcreveu a fala do Ailton.

As fontes são: [California State University, Northridge](#) e [Context Institute](#).

A foto do Chefe Seattle está na [wikipedia](#). A fotografia do Ailton Krenak é de Pauline Deschamps, em 2019.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](#)

Muito obrigada ;)

DEBORAH REBELO (tradução)

Educadora, trabalhou em diversas escolas em SP. Como Terapeuta corporal, se formou pelo Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica e trabalhou por dois anos em uma clínica social. Tem interesse em aprender sobre outras cosmovisões, inclusive do ponto de vista da psicanálise. Estudante de palhaçaria, acredita ser este um portal criativo para acessar a vulnerabilidade e encontrar novas formas de habitar o planeta Terra.

LAÍS FURTADO (revisão e preparação de texto)

Comunicóloga (PUC-Rio), desde pequena é brincante das manifestações de cultura popular brasileira. Seus canais preferidos de conexão são a escrita, a dança e a música. Entusiasta dos estudos sobre o cosmos e os saberes ancestrais - assim na terra como no céu.

MAURICIO BOFF (transcrição)

Atua com comunicação e advocacy em iniciativas socioambientais para o desenvolvimento sustentável na América do Sul. Reside em Brasília.